

Questões sobre a docência universitária no Brasil

Bernardete A. Gatti entrevistada por Isabel Maria Sabino de Farias

141

Isabel Farias: A expansão do ensino superior constitui um fenômeno presente em vários países nas últimas décadas. Partindo dessa premissa, que fragilidades e potencialidades você identifica na docência universitária em seu país?

Bernardete Gatti: Destaco primeiro as potencialidades. A expansão da formação em pós-graduação (*lato e stricto sensu*) e sua exigência para a docência no ensino superior pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) tem propiciado certo grau de especialização disciplinar e temática para os que atuam nesse nível de ensino, em várias áreas, o que garante certa densidade formativa; também, embora sem dados precisos, avalia-se que a procura por formação em metodologias do ensino, por parte de docentes, na educação superior tem aumentado muito. Veja-se a institucionalização, com demanda significativa, da Rede de Apoio à Docência no Ensino Superior (Rades) na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Universidade Estadual Paulista (Unesp).

As fragilidades se assentam justamente na falta de formação didática adequada dos que atuam na educação superior e têm que atuar nas graduações com jovens ainda em desenvolvimento, o que exige saber fazer escolhas de material de ensino e de linguagens adequadas para se comunicar com as novas gerações sem perder o rigor dos conteúdos necessários a essa formação. Outra fragilidade é a falta de integração entre docentes que atuam

em determinado curso, com uma concepção clara quanto ao currículo e ao papel de sua disciplina nesse currículo. Falta recuperar o sentido do ensino nas atividades universitárias (aliás, razão da existência de universidades).

Isabel Farias: O domínio dos saberes profissionais para o ensino e para a pesquisa, bem como sua consequente articulação, é destacado como fundamental ao exercício da docência na universidade. Quais os indicativos sobre essa questão nas pesquisas recentes sobre a formação de professores em relação à docência universitária?

Bernardete Gatti: Acho que já pontuei algumas questões sobre as quais pesquisas nos informam, sobretudo as que sinalizam fragilidades na docência universitária, em particular aquelas com estudantes e egressos avaliando seus cursos e sua formação. Sob outro ângulo, estudos mostram também a dificuldade de docentes em lidar com estudantes que adentram o ensino superior e que evidenciam problemas em sua formação básica – por exemplo, em leitura e interpretação de textos e na escrita, conhecimentos que se espera ter obtido domínio no ensino médio. Os resultados das avaliações nacionais da educação básica e do próprio Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) corroboram isso. Os mestrados foram criados nos anos 1960 para formar docentes (daí sua denominação) para o ensino superior e por isso era oferecida a disciplina de Metodologia do Ensino em sua proposta curricular. Isso se perdeu, derivando-se os mestrados apenas para a formação em pesquisa, um viés que torna esses cursos deficientes em um dos dois eixos que deveriam sustentar a formação de docentes para o ensino superior: de um lado, a formação disciplinar e em pesquisa, e, de outro, a formação para a docência, para serem “mestres”. Cumprem, assim, apenas uma parte da formação, deixando de lado a oportunidade de propiciar a articulação entre pesquisa e ensino, pesquisa em ensino e conteúdos específicos de campos variados do conhecimento.

Isabel Farias: Como você concebe a formação para a docência na universidade?

Bernardete Gatti: Pensar a formação para a docência universitária implica, no horizonte, a perspectiva dos compromissos éticos e sociais que temos para com as novas gerações. Assim, para ser docente no ensino superior é necessário desenvolver consciência clara sobre o papel da formação e do formador em relação aos jovens. Esses são o foco central desse trabalho. É essencial saber criar condições de aprendizagem: Por que criá-las? Para quem? Com o quê? Como?. Ter uma perspectiva filosófico-política sobre o trabalho docente em relação àqueles com os quais desenvolverá ações pedagógicas. Destas considerações pode-se derivar uma dinâmica curricular formativa. Formações precisam ter um sentido.

Isabel Farias: Para finalizar esta conversa, gostaríamos de uma reflexão sua a respeito das duas dimensões constituintes da docência universitária: na pesquisa, o pesquisador produz saberes e conhecimentos; no ensino, o professor produz aprendizagem sobre esses saberes e conhecimentos. Como, na sua compreensão, a pedagogia universitária pode assegurar a integração dessas duas dimensões, considerando particularmente a prática de ensino na universidade?

Bernardete Gatti: Devemos considerar que já existem conhecimentos consolidados, em ciências diversas e em ciências da educação, oriundos de investigações científicas. Esses conhecimentos podem ser interseccionados, e o são, por grupos de pesquisadores e professores que trabalham com vistas ao campo educacional. Infelizmente, entre nós esse campo interdisciplinar de estudos não é prestigiado. Os frutos das pesquisas nessa intersecção são ponto de partida para investigações futuras e, conforme os conhecimentos e as tecnologias avançam e as comunidades e culturas se modificam, também são necessárias metodologias de pesquisa inovadoras. As pesquisas nessas intersecções contribuem para a ampliação ou a transformação desses conhecimentos – é o conhecimento que fundamenta as práticas pedagógicas.

Os cursos de graduação são a iniciação em formação superior, um primeiro passo nesse nível de formação. É preciso considerar tanto os conhecimentos consolidados e seus fundamentos e forma de construção como seus limites e as dúvidas em relação a eles, para o que as atitudes investigativas contribuem. Mas há um porém: para o ensino aos jovens e o desenvolvimento de aprendizagens efetivas é preciso, no dizer de Shulman (2004),¹ que esses conhecimentos sejam transformados em “conhecimento para o ensino” – o que implica saber selecionar conhecimentos, escolher as formas de abordagem e articulações necessárias, escolher as formas de comunicação, em uma perspectiva didática, com metodologias e práticas de ensino adequadas ao assunto e ao desenvolvimento intelectual dos jovens, considerando seus conhecimentos e conceitos prévios. Para tanto, há a contribuição das pesquisas didáticas e metodológicas, pesquisas que se constroem na intersecção da área dos conhecimentos pedagógicos com as demais áreas de conhecimento. Portanto, investigações das práticas educacionais é campo de pesquisa básico para a formação para a docência, e é um campo interdisciplinar.

¹ SHULMAN, L. S. *The wisdom of practice: essays on teaching, learning and learning to teach*. San Francisco: Jossey-Bass, 2004.

Bernardete A. Gatti, doutora em Psicologia pela Université de Paris VII – Université Denis Diderot, com pós-doutorados na Université de Montréal e na Pennsylvania State University, é docente aposentada da Universidade de São Paulo (USP). Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP) e, simultaneamente, pesquisadora senior na Fundação Carlos Chagas, aí exercendo os cargos de coordenadora do Departamento de Pesquisas Educacionais e de superintendente de Educação e Pesquisa. Foi membro e presidiu o Comitê Científico de Educação do CNPq e foi coordenadora da área de Educação da Capes. Atuou como consultora da Unesco. Em 2014 assumiu como diretora vice-presidente da Fundação Carlos Chagas, orientando e respondendo pelas ações do setor de Pesquisa e Educação.

gatti@fcc.org.br

Isabel Maria Sabino de Farias, doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com estágio pós-doutoral pela Universidade de Brasília (UnB), é professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde coordenou o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) de 2010 a fevereiro de 2014. Vice-presidente Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) para o período 2015-2017. Líder do grupo de pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (Educas).

isabelinhasabino@yahoo.com.br

Recebido em 21 de outubro de 2016

Aprovado em 24 de outubro de 2016